

LIÇÃO 1 - A Distinção e a Ordem das Enunciações Simples nas Quais o Nome Finito ou Infinito é Posto Apenas da Parte do Sujeito

19b 5 Visto que uma afirmação significa algo acerca de algo, e o sujeito é ou o nome ou aquilo que não tem nome, e uma coisa deve ser significada acerca de uma coisa em uma afirmação

19b 7 (já declaramos o que é um nome e o que é aquilo que não tem nome: não chamo "não-homem" de nome, mas de nome infinito — pois um nome infinito também significa uma coisa de certa maneira — nem "não-ama" de verbo, mas de verbo infinito),

19b 10 toda afirmação será composta de um nome e um verbo ou de um nome infinito e um verbo.

19b 12 Não pode haver afirmação ou negação sem um verbo; pois, de acordo com o que foi estabelecido, "é", ou "será", ou "era", ou "torna-se", ou quaisquer outros como estes são verbos, pois significam com tempo.

19b 14 Portanto, a afirmação e a negação primárias são "O homem é... O homem não é"; em seguida, "Não-homem é", "Não-homem não é"; e então "Todo homem é", "Nem todo homem é"; "Todo não-homem é... Nem todo não-homem é"; e há afirmações e negações semelhantes em relação a tempos fora do presente.

1. No primeiro livro, o Filósofo tratou da enunciação considerada simplesmente. Agora, vai tratar da enunciação na medida em que é diversificada pela adição de algo a ela.

Há três coisas que podem ser consideradas na enunciação: primeiro, as palavras que são predicadas ou sujeitadas, as quais ele já distinguiu em nomes e verbos; segundo, a composição, segundo a qual há verdade ou falsidade na enunciação afirmativa ou negativa; finalmente, a oposição de uma enunciação a outra.

Este livro é dividido em três partes que se relacionam a estas três coisas na enunciação. Na primeira, ele mostra o que acontece à enunciação quando algo é adicionado às palavras postas como sujeito ou predicado; na segunda, o que acontece quando algo é adicionado para determinar a verdade ou falsidade da composição. Ele começa esta onde diz: "Determinadas estas coisas, devemos considerar de que modo as negações e afirmações do possível e do não possível, etc." Na terceira parte, ele resolve uma questão que surge sobre as oposições de enunciações nas quais algo é adicionado à enunciação simples. Isto ele aborda onde diz: "Há uma questão sobre se o contrário de uma afirmação é uma negação, ou se o contrário de uma afirmação é outra afirmação, etc."

No que diz respeito às adições feitas às palavras usadas na enunciação, deve-se notar que uma adição feita ao predicado ou ao sujeito às vezes destrói a unidade da enunciação, e às vezes não, sendo este último o caso em que a adição é uma negativa que torna uma palavra infinita. Consequentemente, ele mostra primeiro o que acontece à enunciação quando a negação adicionada torna uma palavra infinita. Em segundo lugar, ele mostra o que acontece quando uma adição destrói a unidade da enunciação onde diz: "Nem a afirmação nem a negação que afirma ou nega um predicado de muitos sujeitos ou muitos predicados de um sujeito é uma, a menos que algo uno seja constituído a partir dos muitos, etc."

Em relação ao primeiro ponto, ele primeiro investiga a mais simples das enunciações, na qual um nome finito ou infinito é posto apenas da parte do sujeito. Em seguida, considera a enunciação na qual um nome finito ou infinito é posto não apenas da parte do sujeito, mas também da parte do predicado, onde diz: "Mas quando 'é' é predicado como um terceiro elemento na enunciação, etc." A propósito destas enunciações simples, ele propõe certos fundamentos para distinguir tais enunciações e, em seguida, dá sua distinção e ordem onde diz: "Portanto, a afirmação e a negação primárias são 'O homem é', 'O homem não é', etc." E primeiro ele dá os fundamentos para distinguir enunciações da parte do nome; em segundo lugar, ele mostra que não há os mesmos fundamentos para uma distinção da parte do verbo, onde diz: "Não pode haver afirmação ou negação sem um verbo, etc." Primeiro, então, ele propõe os fundamentos para distinguir estas enunciações; em segundo lugar, ele explica isto onde diz: "já declaramos o que é um nome, etc."; finalmente, ele chega à conclusão que pretendia onde diz: "toda afirmação será composta de um nome e um verbo, ou de um nome infinito e um verbo."

2. Antes de tudo, ele retoma o que foi dito acima ao definir afirmação, a saber, que afirmação é uma enunciação significando algo acerca de algo; e, visto que é peculiar ao verbo ser um sinal do que é predicado de outro, segue-se que aquilo acerca do qual algo é dito pertence ao nome; mas o nome é ou finito ou infinito; portanto, como que tirando uma conclusão, ele diz que, visto que a afirmação significa algo acerca de algo, segue-se que aquilo acerca do qual algo é significado, i.e., o sujeito de uma afirmação, é ou um nome finito (que é propriamente chamado de nome), ou inominado, i.e., um nome infinito. É chamado de "inominado" porque não nomeia algo com uma forma determinada, mas remove a determinação da forma. E para que ninguém pense que o que é sujeitado em uma afirmação é ao mesmo tempo um nome e inominado, ele acrescenta: "e uma coisa deve ser significada acerca de uma coisa em uma afirmação", i.e., na enunciação, da qual estamos falando agora; e, portanto, o sujeito de tal afirmação deve ser ou o nome ou o nome infinito.

3. Quando ele diz: "já dissemos o que é um nome, etc.", refere-se ao que foi dito anteriormente. Já dissemos, afirma, o que é um nome e o que é o inominado, ou seja, o nome infinito. "Não-homem" não é um nome, mas um nome infinito, e "não-corre" não é um verbo, mas um verbo infinito. Em seguida, ele interpõe um ponto útil para prevenir uma dificuldade, a saber, que um nome infinito, de certa forma, significa algo uno. Não significa algo uno simplesmente como o nome finito, que significa uma forma de um gênero ou espécie, ou mesmo de um indivíduo; antes, significa algo uno na medida em que significa a negação de uma forma, negação na qual muitas coisas estão unidas, como em algo uno segundo a razão. Pois algo é dito uno da mesma forma que é dito ente. Assim, assim como o não-ente é dito ente, não simplesmente, mas segundo algo, i.e., segundo a razão, como é evidente em IV Metafísica [21: 1003b 6], também a negação é uma segundo algo, i.e., segundo a razão. Aristóteles introduz este ponto para que ninguém diga que uma afirmação na qual um nome infinito é o sujeito não significa algo uno sobre um sujeito, sob o fundamento de que um nome infinito não significa algo uno.

4. Quando ele diz: "toda afirmação será composta de um nome e um verbo ou de um nome infinito e um verbo", conclui que o modo de afirmação é duplo. Um consiste em um nome e um verbo, o outro em um nome infinito e um verbo. Isso decorre do que foi dito, a saber, que aquilo sobre o qual uma afirmação significa algo é ou um nome ou inominado. A mesma diferença pode ser tomada do lado da negação, pois de tudo aquilo de que algo pode ser afirmado, pode ser negado, como foi dito no primeiro livro.

5. Quando ele diz: "Não pode haver afirmação ou negação sem um verbo, etc.", pretende mostrar que as enunciações não podem ser diferenciadas pela parte do verbo. Ele já havia observado que não há afirmação ou negação sem um verbo. No entanto, pode haver uma afirmação ou negação sem um nome, i.e., quando um nome infinito é posto no lugar de um nome." Por outro lado, um verbo infinito não pode ser posto em uma enunciação no lugar de um verbo, e isso por duas razões. Primeiramente, o verbo infinito é constituído pela adição de uma partícula infinita que, quando adicionada a um verbo dito por si mesmo (i.e., posto fora da enunciação), o remove absolutamente, assim como remove a forma do nome absolutamente quando adicionada a ele. Portanto, fora da enunciação, o verbo infinito, assim como o nome infinito, pode ser tomado no modo de uma palavra. Mas quando uma negação é adicionada ao verbo em uma enunciação, ela remove o verbo de algo e, assim, torna a enunciação negativa, o que não é o caso com relação ao nome. Pois uma enunciação torna-se negativa ao negar a composição que o verbo introduz; daí, um verbo infinito posto na enunciação torna-se um verbo negativo. Em segundo lugar, qualquer que seja a maneira como usamos a partícula negativa, seja para tornar o verbo infinito ou para formar uma enunciação negativa, a verdade da enunciação não é alterada. A partícula negativa, portanto, é sempre tomada no sentido mais absoluto, como sendo mais clara. Esta é, então, a razão pela qual Aristóteles não diversifica a afirmação como sendo composta de um verbo ou verbo infinito, mas como composta de um nome ou de um nome infinito.

Deve-se notar também que, além da diferença de finito e infinito, há a diferença de casos nominativos e oblíquos. Os casos dos nomes, mesmo com um verbo adicionado, não constituem uma enunciação significando verdade ou falsidade, como foi dito no primeiro livro, pois o nominativo não está incluído em um nome oblíquo. O verbo do tempo presente, no entanto, está incluído nos casos do verbo, pois o passado e o futuro, que os casos do verbo significam, são ditos em relação ao presente. Donde, 'se dissermos: "Isto será", é o mesmo que se disséssemos: "Isto é

futuro"; e "Isto foi" o mesmo que "Isto é passado".¹ Um nome, então, e um caso do verbo constituem uma enunciação. Portanto, Aristóteles acrescenta que "é", ou "será", ou "foi", ou qualquer outro verbo deste tipo que usamos são do número dos verbos mencionados sem os quais uma enunciação não pode ser feita, pois todos significam com tempo, e o tempo passado e futuro são ditos em relação ao presente.

6. Quando ele diz: "Portanto, a primeira afirmação e negação é, etc.", infere das premissas a distinção das enunciações nas quais o nome finito e infinito é posto apenas da parte do sujeito. Entre estas, há uma tríplice diferença a ser notada: a primeira, segundo a afirmação e negação; a segunda, segundo o sujeito finito e infinito; a terceira, segundo o sujeito ser posto universalmente ou não universalmente. Ora, o nome finito é anterior na noção ao nome infinito, assim como a afirmação é anterior à negação. Consequentemente, ele põe "Homem é" como a primeira afirmação e "Homem não é" como a primeira negação. Em seguida, põe a segunda afirmação, "Não-homem é", e a segunda negação, "Não-homem não é". Finalmente, põe as enunciações nas quais o sujeito é posto universalmente. Estas são quatro, assim como aquelas nas quais o sujeito não é posto universalmente.

A razão pela qual ele não dá exemplos da enunciação com um sujeito singular, como "Sócrates é" e "Sócrates não é", é que nenhum sinal é adicionado aos nomes singulares e, portanto, nem toda diferença pode ser encontrada neles. Tampouco dá exemplos da enunciação na qual o sujeito é tomado particularmente, pois tal sujeito, de certa forma, tem a mesma força que um sujeito universal não tomado universalmente.

Ele não põe qualquer diferença da parte do verbo segundo seus casos porque, como ele mesmo diz, as afirmações e negações em relação a tempos extrínsecos, i.e., tempo passado e futuro que circundam o presente, são similares a estas, como já foi dito.

Revision #1

Created 19 September 2026 23:46:11 by Admin

Updated 19 September 2026 23:46:25 by Admin